

## SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA EM TRAJETÓRIAS DE JOVENS FEMINISTAS

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

KIND; Luciana<sup>1</sup>, BATISTA; Cassia Beatriz<sup>2</sup>, SOUZA; Luana<sup>3</sup>, WOLBERT; Lígia<sup>4</sup>, VELOSO; Katerine<sup>5</sup>, GONÇALVES; Giovanna<sup>6</sup>

### RESUMO

A participação de mulheres na cena política brasileira, com diferentes pautas reivindicatórias, é alimentada desde os anos 1960. No campo específico da história dos movimentos feministas no Brasil, observamos a paulatina emergência dos grupos que se têm nomeado como jovens feministas. O objetivo central desta pesquisa é analisar processos de subjetivação política em trajetórias de jovens feministas que utilizam estratégias *online* e/ou *off-line* na construção de sua militância. Os métodos narrativos sustentam a perspectiva teórico-metodológica, em triangulação com estratégias específicas de coleta e análise de dados. A coleta de material empírico envolveu etapas distintas e interconectadas, assim desenhadas: revisão sistemática da literatura; mapeamento de coletivos feministas que atuam *online*; observação participante de manifestações feministas; entrevistas narrativas com jovens feministas. Neste trabalho, o foco será nos resultados da etapa de entrevistas narrativas. Foram realizadas 27 entrevistas, com mulheres jovens vinculadas a pelo menos um coletivo feminista. Destas, 3 eram moçambicanas e 1 brasileira com atuação em coletivo português e 23 jovens com militância no Brasil. Entre as brasileiras, observou-se a seguinte distribuição regional: 2 Norte; 10 Nordeste; 10 do Sudeste; 1 centro-oeste. Não houve entrevistadas da região Sul. As entrevistas foram realizadas online, entre setembro de 2020 e julho de 2021. O processo de análise iniciou-se pela lógica singular das narrativas, com cada uma das entrevistas, observando-se a forma narrativa, performance, temas relevantes, self narrativo e interdiscursividade. Esse processo possibilitou-nos observar as diferenças das estratégias de lutas políticas de mulheres indígenas e o grau de interdiscursividade nas narrativas de jovens que participam de movimentos político-partidários. Da análise transversal é possível destacar a diferenciação na maneira que as mulheres moçambicanas se autointitulam em relação ao movimento feminista, evidenciando uma não-identificação com determinadas pautas levantadas pelo movimento, assim como com a rotulação de 'mulher feminista'. Os coletivos se articulam em torno de pautas feministas, políticas, de mulheres lésbicas, coletivos regionais, mundiais, de mulheres negras, clube de leitura feminista, indígenas e coletivos universitários. Também se destacam como comuns a inserção em coletivos feministas durante a formação universitária. Mulheres de referência em relações intergeracionais (avós e mães) são evocadas como fortes, mas não feministas. A pesquisa revela como principal ponto de convergência o enfrentamento da violência contra mulheres, perspectiva transversal na agenda política das trajetórias diversas narradas nas entrevistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo; entrevistas narrativas; militância jovem

<sup>1</sup> Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, lukind@gmail.com

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal de São João Del Rei, cassiabeatriz@gmail.com

<sup>3</sup> Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, lusouza93@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada de psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ligia.wolbert@gmail.com

<sup>5</sup> Graduada de psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, katerineveloso@gmail.com

<sup>6</sup> Graduada de psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, giovannag1909@gmail.com